

NO CAMPO DA IMAGEM: ASPECTOS DO DISCURSO E IMAGENS INTEGRALISTAS

FAUSTO ALENCAR IRSCHLINGER¹
LARISSA LEONEL

INTRODUÇÃO:

Durante os processos históricos o homem utilizou-se de diversos artifícios para sua convivência com outros homens e com o meio onde habitou, sendo uma das maiores revoluções a criação da comunicação, seja falada, escrita ou desenhada/representada. Assim, existem várias formas de se representar a mesma coisa e, a partir do momento que conferimos há alguma dessas representações nossos sentidos, nossa motivação em transmitir algo, estamos de certa forma, criando um discurso.

O discurso permite criar nossa identidade social ou manifestar nossa ideologia. Mas quando nos referimos ao discurso, o primeiro aspecto que nos surge à mente é referente à palavra (seja um texto, seja uma oratória). No entanto, o discurso permeia campos mais amplos, longe de apenas símbolos de sentidos gráficos lingüísticos, ele também é a representação de símbolos artísticos, figurativos ou mesmo fotográficos. O discurso está presente em imagens de deferentes categorias, como fotografias, desenhos, charges, cinema, possuindo assim uma simbologia imensa que se pode explorar além das palavras. Logo, as imagens possuem uma gama de sentidos, que podem ser contraditórios, instáveis, mutáveis ou mesmo ambíguos. A imagem também possui um registro abrangente, baseada em sentidos que caracteriza a condição humana, a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão.

É nesse âmbito que podemos analisar imagens que repercutem, na maioria das vezes, uma ideologia de “extrema-direita” no cenário político brasileiro da década de 1930 (no caso o Integralismo), tecendo relações com a atualidade. Assim como outros partidos/grupos, porém ainda mais intensamente, este possuiu uma variedade de propagandas políticas com a finalidade de difundir e convencer a sociedade à “integração” com suas propostas.

¹ Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Professor na Universidade Paranaense (UNIPAR); Acadêmica de História da UNIPAR

Outro aspecto que identificamos são as imagens difundidas através da internet na atualidade, onde grupos integralistas atuais (neo-integralistas) utilizam inúmeras imagens em seus sites para difundir posturas e ideários, combater e diminuir seus inimigos, e até mesmo, disputar entre si todo um capital simbólico envolvendo o Integralismo.

O propósito desse texto é desvendar um pouco mais sobre o que está subentendido na imagem, na simbologia inserida na história, os sentidos que constitui a ideologia integralista, a razão de manifestar de tal forma e não de outra. Assim, tal finalidade teria como palco um momento de grande tensão para o país, e para o mundo, pois as décadas de 1920 e 1930 tiveram resultados marcantes no que diz respeito às questões sócio-políticas nacionais e globais, que trariam subseqüentemente, uma gama de instabilidades para a década de 1940, teremos o cenário da Segunda Guerra Mundial, das disputas das “raças” humanas, dos movimentos de (extrema) esquerda e direita.

1. ANÁLISE DO DISCURSO, IMAGEM E POSSIBILIDADES

1.1 - O desenvolvimento da Análise do Discurso e o discurso no âmbito Lingüístico

Nas últimas décadas o estudo do discurso ganhou significativo espaço, chamado de Análise do Discurso, originou-se na década de 60 do século XX. Vale salientar, que a análise de discurso fuge do até então usado “análise de conteúdo”, que era apenas uma interpretação de texto, “respondendo a questão: o que este texto que dizer?”.² Já a análise do discurso proposta pelo lingüista norte-americano Z. Harris partia do princípio de análise do texto o transformado em uma longa frase, o que acabava fazendo com que o discurso perdesse a sua significância, pois era redimido a uma grande unidade, sem particularidades. Contudo, anos após, a área ganhava estruturação, onde primeiro foi filiada ao Marxismo (ao final da década de 1960) e ao iniciar da década de 1970, a Escola de Nanterre foi fundada, propagando os primeiros grupos voltados a essa área. Logo, com a manifestação da Nova História, Michel Foucault entraria para os nomes de destaque referentes à Análise de Discurso³.

² ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 17.

³ Compreende-se que a Análise de Discurso possui um desenvolvimento e uma contextualização histórica significativa. Para maiores informações: MAZIERE, Francine. **A Análise do Discurso: história e**

Num primeiro olhar, a Análise do Discurso parece apenas um campo voltado à disciplina Lingüística, quando na verdade necessita do uso da Filosofia e das Ciências Sociais, principalmente da História e da Sociologia. A abordagem necessita “que cada disciplina enriqueça sua perspectiva com a perspectiva da outra, a abordagem deve ser essencialmente pluridisciplinar ou, sobretudo, transdisciplinar”.⁴ Não é unicamente uma disciplina voltada a um uso interdisciplinar de outras ciências, são várias ciências que necessitam de relação para que a abordagem exista.

O discurso, por sua vez, se encontra em nosso cotidiano, quando simplesmente falamos ou de deferentes maneiras nos expressamos. Observamos que a linguagem é fundamental, pois ela acabou se tornando um complexo sistema natural de nossa organização social, onde além de fundamental, ela é necessária para a convivência humana. Mas um aspecto interessante se sobressai na questão: a linguagem se tornou apenas um instrumento de comunicação, para que uma convicção ou mesmo um ponto de vista seja exposto, para convencer ou entreter, para vender ou ganhar. O interessante é que com o passar das gerações, a linguagem ganhou essa usualidade prosaica, simplesmente como representação.

Entretanto, a linguagem não é apenas isso, antes de tudo, “[sua] primeira função [...] não é ser representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressão da vida real”.⁵ Ela surgiu da necessidade básica do homem criar uma organização de vida, de estabelecer relações com outros homens, com o meio ao qual está inserido. Antes da comunicação, ela é um elemento essencial do desenvolvimento das relações humanas.

A linguagem, sendo uma instituição social (pois é uma forma organizacional criada pelo homem) tem como todas as outras, suas especificidades. Esse sistema complexo de “conjuntos de elementos lingüísticos”,⁶ pode ser dividido em três grandes blocos: a língua, sendo o sistema *virtual-abstrato*, ou seja, é a manifestação concreta do sistema, baseado em sinais, normas e formas de pronúncia, regular a um dado grupo de falantes de uma dada língua; a *fala*, sendo a concretização da língua, o método da

práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. A obra pontua de forma mais abrangente o aprimoramento dessa perspectiva, citando outros autores importantes, além de Foucault.

⁴ MAZIERE, Francine. Op. Cit., p. 106.

⁵ FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 73.

⁶ FIORIN, José Luiz. Op. cit., p. 11.

linguagem; e o *discurso*, que por mais que assuma quase o mesmo caráter da fala, pois também materializa a língua, difere-se por empreender o uso dos sentidos, do simbólico relacionado ao contexto sócio-histórico da vivência do homem. Ele foge do patamar da fala a partir do momento que acaba expressando a exteriorização da relação feita com a linguagem, proporcionado pela contextualização histórica.

Essa questão que difere o discurso da fala (e mesmo que diferencia a língua do discurso) é crucial, pois na Análise de Discurso, não buscará interpretar e compreender a língua em seu sistema estrito, e sim, “a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade”,⁷ ou seja, é a materialização da língua mais usual, não se igualando a fala, pois se acrescentam os sentidos, as condições de produção que ocasionaram sua formação.

Segundo Pierre Bourdieu, a eficácia da “performance discursiva” está no conhecimento e no reconhecimento por parte do grupo, do “capital simbólico” inserido no enunciado discursivo do representante do grupo (porta-voz autorizado). A eficácia do discurso e a relação entre o representante/procurador e o grupo, são destacadas com maior propriedade por Pierre Bourdieu:

A magia performativa do ritual funciona completamente apenas na medida em que o procurador (...), incumbido de realizá-lo em nome do grupo, age como uma espécie de *medium* entre o grupo e ele próprio. É o grupo que, por seu intermédio, exerce sobre ele mesmo a eficácia mágica contida no enunciado performativo. A eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, o que dá no mesmo, quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe concede⁸.

Conforme observado, a análise do discurso tem uma forte ligação com as ciências sociais. E nesta perspectiva de análise, Dominique Maingueneau destaca:

Os analistas do discurso, de uma forma geral, concordam que não existe teorização sobre a articulação entre formação discursiva e sociedade; a consideração das comunidades discursivas gera a expectativa de resultados

⁷ ORLANDI, Eni P. Op. cit., p. 16.

⁸ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 95.

interessantes. Não é possível afirmar que todos os indivíduos que aderem, de forma mais ou menos próxima, a um discurso apresentam o mesmo grau de envolvimento em tais “comunidades” mas elas, sem dúvida, representam uma condição essencial de sua constituição e de seu funcionamento⁹.

O discurso só existe, pois sua materialização é permitida através da linguagem/comunicação, logo, a ideologia só existe porque o discurso propicia sua manifestação. Dessa forma, para Eni Orlandi “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.¹⁰

Convém lembrar ainda que a Análise do Discurso baseia-se numa afirmativa: a “língua não é transparente”.¹¹ Sendo assim, tudo que o homem fala possui um sentido, logo, “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”.¹²

É dessa forma que se delimita o que é estudado no discurso, como a materialização da ideologia¹³ a partir das condições de produção da formação discursiva e das formações imaginárias. Sendo que as formações discursivas partem das diversas influências do meio, que se fundamentam nas influências que o sujeito adere frente a seu contexto sócio-histórico, à sua ideologia em disposição de outros discursos, ou seja, as condições que levam o locutor a falar, como falar/representar, para quem falar; e as formações imaginárias, que são as formações que condicionam o falar, sendo caracterizadas por Eni Orlandi como três: as relações de força, as relações de sentido e a antecipação¹⁴. Devemos então compreender que ao citar a fala estamos nos referindo a todas as formas de se comunicar, ou seja, tanto para um discurso figurativo, verbal, ou mesmo imagético.

⁹ MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1989. p. 62.

¹⁰ PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, Eni P. Op. cit. p. 17.

¹¹ MAZIERE, Francine. Op. cit., p. 16.

¹² ORLANDI, Eni P. Op. cit., p. 25.

¹³ Para maiores reflexões sobre o conceito de Ideologia, sugerimos: BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. 9 ed., v.1. Brasília: UnB, 1997. p. 585.

¹⁴ Para maiores informações sobre as condições de produção, formações imaginárias e discursivas, sugerimos: ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Nesse sentido, apresentamos a seguir a questão da imagem, como um importante campo de análise e conhecimento histórico, a qual, em nosso entendimento, está imbricada com o próprio discurso e suas implicações. Destacando ainda que a própria História está intimamente ligada com as fontes visuais, com o uso da imagem, com os modos de ver.

1.2 - A imagem como discurso: um novo campo

Um campo que se expandiu expressivamente após 1960 foi o uso da imagem como fonte de pesquisa histórica, contribuição essa, deixada entre outros por Philippe Ariès depois de estudos sobre as infâncias no medievo através do uso de imagens, cartas e diários. Conforme apresenta Artur Freitas, a imagem só ganha estatuto documental no campo da História, a partir dos anos 1960, e já na década de 1980 são produzidos expressivos trabalhos por Michel Vovelle, Georges Duby e Carlo Ginzburg.

Já o campo dos estudos visuais, institucionalizou-se a partir dos Estados Unidos no final dos anos 80 e nos anos 90, do século XX, ganhando força através de programas de pesquisa de pós-graduação, da disseminação de seminários, publicações (como de Jessica Evans e Stuart Hall; John Bird; Nicholas Mirzoeff; James Elkins; Margaret Dikovitskaya) e iniciativas de ensino referentes à “cultura visual”.¹⁵

No entanto, o uso da imagem como representação remete-se a um costume antigo, porque mesmo antes da palavra o homem utilizou-se de imagens para representar sua vida, para passar mensagens, “a imagem é uma prática humana extremamente antiga. A imagem precedeu à escrita. É até possível imaginar que, em alguns casos, a imagem e a palavra tenham se desenvolvido simultaneamente”.¹⁶

O homem do período paleolítico deixou como herança em pedras a reprodução de seu cotidiano, da caça.

¹⁵ Paulo Knauss destaca que sobre a chamada “cultura visual” inicialmente pode-se caracterizar uma definição abrangente, que aproxima o conceito de cultura visual da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualizações e de modelos de visualidade. Definições essas permeadas por interpretações e discussões, que podem ser visualizadas em: KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: **História, Arte & Imagem**. v. 8, n.12. Uberlândia: ArtCultura, 2006.

¹⁶ SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas: as imagens, testemunhas da história. **Estudos Históricos**. Tradução: Anne-Marie Milon Oliveira. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994. p. 84.

Esses desenhos destinavam-se a comunicar mensagens, e muitos deles constituíram o que se chamou ‘os precursores da escrita’, utilizando processos de descrição-representação que só conservavam um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais.¹⁷

Já tratando do desafio de fazer História com imagens, Paulo Knauss aponta reflexões sobre a historiografia e o processo de institucionalização dos estudos visuais a partir da afirmação do conceito de cultura visual. Após apresentar diferentes definições sobre cultura visual, apresenta como esse conceito foi sendo valorizado no campo da história da arte ao sublinhar o caráter histórico do estatuto artístico, o que permite aproximar a história da imagem da história da arte. De modo geral, concordamos com a idéia de que a História como disciplina tem um “encontro marcado” com as fontes visuais, com o uso da imagem, com os modos de ver.

Para Knauss, a imagem pertence ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana, a imagem pode condensar a visão comum que se tem do passado. Sendo que ao longo da história das civilizações, são inúmeros os exemplos em que se percebe como os registros escritos acompanharam os registros visuais, assim a história da imagem se confunde com a história da escrita. Nesse sentido, podemos destacar que a imagem possui um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracteriza a condição humana, a imagem é capaz de atingir todas as camadas sociais ao ultrapassar as diversas fronteiras sociais pelo alcance do sentido humano da visão.

Conforme destaca Paulo Knauss, ao tratar das dinâmicas sociais e a imagem, temos:

Essa postura, que compreende o processo social como dinâmico com múltiplas dimensões, abre espaço para que a História tome como objeto de estudo as formas de produção de sentido. O pressuposto de seu tratamento é compreender os processos de produção de sentido como processos sociais. Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural. Isso abre um campo para o estudo de dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organiza, também, a partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza – verbal escrito, oral ou visual.¹⁸

Identificamos ainda, que a renovação do interesse pelos estudos da imagem e da arte não afeta apenas a historiografia contemporânea, pois envolve diferentes enfoques

¹⁷ JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002. p. 23.

¹⁸ KNAUSS, Paulo. Op. cit., p. 99.

que se identificam com várias tradições disciplinares do universo das humanidades e das ciências sociais, resultando na construção de um novo campo interdisciplinar de pesquisa, visando investigar a cultura visual e suas múltiplas possibilidades. Noutro sentido, vale destacar com base em Knauss, que há uma significativa relação entre visão e o contexto, onde a partir dos estudos culturais, o foco da cultura visual dirige-se para a análise da imagem como representação visual, resultando de processos de produção de sentidos em contextos culturais.

Já Artur Freitas amplia tais discussões e remonta a idéia de que o conhecimento histórico e o conhecimento artístico, não somente podem beneficiar-se mutuamente, como também são mutuamente independentes. Ao concordar com Michael Baxandal, Freitas reforça que além do ambiente sociocultural que pode aguçar nossa experiência de uma imagem artística, por exemplo, as próprias formas e os estilos visuais podem apurar a percepção que temos da sociedade. Vale lembrar, que entre as contribuições de Freitas, este busca propor alguns fundamentos básicos ao uso da imagem artística como objeto histórico, o que destacaremos mais adiante.¹⁹

Ao tratar da imagem visual, não podemos deixar de registrar as contribuições de Jacques Aumont. Na obra *A Imagem*, o autor tem como prerrogativa a análise da imagem visual em sua multiplicidade de estruturas que vão desde o processo fisiológico do olho na percepção visual, mecânica da luz, até aos processos psíquicos e sociológicos relacionados ao olhar e as representações estéticas da imagem na história.²⁰

Destaca Aumont, que:

A visão, a percepção visual, é uma atividade complexa que não se pode, na verdade, separar das grandes funções psíquicas, a inteligência, a cognição, a memória, o desejo. Assim, a investigação, iniciada ‘do exterior’, ao seguir a luz que penetra no olho, leva logicamente a considerar o sujeito que olha a imagem, aquele para quem ela é feita, o que chamaremos de seu espectador.²¹

Ao focar ampliar as discussões sobre o espectador e os dispositivos, Aumont apresenta que no sujeito está o espectador dotado da capacidade perceptiva da imagem, o qual congrega múltiplas esferas que implementam suas representações de mundo,

¹⁹ Ver: FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. n. 34, jul/dez, 2004.

²⁰ AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

²¹ Idem, p. 14.

onde o olhar relaciona-se aos processos históricos, culturais, orgânicos, psíquicos e espaciais. Para ele, a imagem em relação ao indivíduo não existe gratuitamente, estando referenciado ao uso. Assim, a imagem em vínculo com o real pode estar estruturada ao valor de representação, valor simbólico e valor de signo. Na relação da imagem com o mundo, haveria três níveis, o simbólico, epistêmico e estético.

A “imagem só existe para ser vista”, conforme Aumont, o processo imagético é uma relação orgânica que se constrói historicamente. A analogia, o espaço representado, o tempo representado e a significação da imagem são importantes elementos analisados na estrutura da imagem. Em concordância com Paulo Knauss, Aumont deixa transparecer que a imagem faz parte do cotidiano da sociedade onde mesmo as imagens pictóricas com o advento da modernidade se tornaram comum ao dia-a-dia de inúmeros indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, a relação imagem visual e espectador têm seu palco de existência na história universal do humano.

A imagem também pode apresentar dupla dimensão (o aspecto físico e o que está na memória). Já conforme destaca Hans Belting, tratando da questão da evocação: “o processo de evocação é aspecto que perdura até hoje, em nossa concepção de imagem”.²² Para Belting, a imagem deve ser identificada como entidade simbólica (portanto, também um item de seleção e memória) e distinta do fluxo permanente de nossos ambientes visuais.²³

Num primeiro momento, quando pensamos em imagem logo pensamos em fotografias, em pinturas de arte, em desenhos. Mas investigadores como Pierre Sorlin, desde os anos 1970 ampliam as possibilidades de se trabalhar com as fontes imagéticas, enfocando as imagens em movimento como o cinema, que contribuem não só para a compreensão como para a construção da própria história, das oscilações da sociedade e da história.²⁴ Logo, muito mais que formas de se criar uma imagem, existem formas diversas para classificá-las, pois assim como a palavra possui uma tipologia diversificada, como verbos, sujeitos, adjetivos, a imagem também possui uma ampla e

²² BELTING, Hans. **Por uma antropologia da imagem**. v. 1, n. 8. Rio de Janeiro: *Concinnitas*. UERJ, 2005.

²³ Segundo Belting, a imagem seja fotografia, pintura ou mesmo vídeo, só faz sentido quando somos nós que perguntamos, porque vivemos em corpos físicos, com os quais geramos nossas próprias imagens. BELTING, Hans. Op., cit. p. 66.

²⁴ SORLIM, Pierre. Op. cit., p. 82.

ao mesmo tempo seleta especificação. Assim, para cada campo da imagem existem diferenças para poder analisá-la, seja no campo mental, virtual, midiático, artístico, cinematográfico. Cada uma requer uma compreensão de sua finalidade e, conseqüentemente, do método possível para interpretar os seus sentidos.

É preciso levar em conta, quando se trabalha com a imagem no âmbito discursivo a narrativa, e que ela vai exigir métodos para descobrir suas mensagens implícitas, sua linguagem simbólica, pois a língua, o mito, as artes, a religião também são tidas como “formas simbólicas”,²⁵ e desta forma, são cheias de sentidos e significações. Assim, primeiro passo para a análise seria traçar um objetivo. “O trabalho de um analista é precisamente decifrar as significações que a ‘naturalidade’ aparente das mensagens visuais implica”,²⁶ ou seja, até que grau a imagem passa de realidade, quais são as motivações do autor em representá-la de determinada forma e não de outra, e o mais importante é que ao analisarmos, muitas vezes precisamos nos colocar no lugar de receptores. Pois, a interpretação depende do analista avaliar os sentidos transmitidos pela imagem na forma como ela tenderia a “intencionar” ao receptor na época que foi produzida.

É preciso compreender também a função da análise, que pode ser diversa e que é delimitada pelo analista juntamente com a escolha de sua metodologia. Assim, pode ser apenas para verificar se a imagem teve o nível de representatividade esperado, se o receptor “gostou/apreciou ou não dela”, pode ser para assinalar como a imagem acaba sendo um instrumento de comunicação como a linguagem, ou “melhor” do que ela. Para tais análises, o uso da semiótica como método de análise é o mais recorrente entre os pesquisadores dessa área. Para Santanella “a Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”.²⁷

Reforçamos assim, que o analista precisa levar em conta o contexto do surgimento/criação da imagem. De que lugar está o autor que produz a imagem, qual sua motivação, para quais receptores a imagem esta sendo produzida, e quais as

²⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 8.

²⁶ JOLY, Martine. Op. cit., p. 43.

²⁷ Para maiores explicações sobre o assunto, sugerimos a obra: SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

possíveis interpretações instigadas com o uso de determinado símbolo e, o porquê usar uma determinada cor ao invés de outra. O autor para quem produz, porque produz, e em casos específicos a interpretação do receptor, como ele capta os sentidos de determinadas formas. Todas essas questões são pertinentes ao analista.

Desta forma, fica explícito que o objetivo é ao menos conseguir desvendar as evidências a cerca da formação discursiva e, sobretudo, da formação ideológica. O analista deverá estar preocupado em salientar quais foram as determinações da representação e do pensar, respectivamente. Esse é o maior sentido na Análise de Discurso: revelar os sentidos, analisar o ideológico, frente ao sujeito em sua “*posição sócio-histórica*”.²⁸

2. IMAGENS

Como já destacado, existem diferentes formas para classificar as imagens. Cada campo da imagem requer métodos específicos para analisá-lo, seja no campo mental, virtual, midiático, artístico. Cada um demanda uma compreensão de sua finalidade e do método possível para interpretar seus sentidos. Entre outros, o analista precisa levar em conta o contexto do surgimento/criação da imagem, de que lugar está o autor que produz a imagem, qual sua motivação, para quais receptadores a imagem é produzida, quais as possíveis interpretações instigadas nos usos de determinados símbolos, cores, luz, proporção, profundidade, enquadramento, temporalidade, narrativas, qualidades emotivas, entre outros.

Artur Freitas, ao tratar de métodos e problemáticas envolvendo a imagem, salienta que o uso da imagem na pesquisa histórica não pode ser feito apenas como mera ilustração. Ao tratar de história e imagem artística, destaca:

... é preciso entender que se a imagem artística não está, de forma alguma, isolada de algo como o contexto histórico, até porque é dele parte constitutiva, por outro lado ela deve, num primeiro momento, ser metodologicamente isolada dele, pois só assim o conhecimento historiográfico se torna capaz de formar, junto à imagem artística, um vocabulário apto a reduzir minimamente o fosso ... que separa o discurso visual do verbal.²⁹

²⁸ MAINGUENEAU, Dominique. Op. cit., p. 14.

²⁹ FREITAS, Artur. Op., cit. p. 10.

Segundo Freitas, o conhecimento histórico e o conhecimento artístico podem se beneficiar mutuamente, assim como são mutuamente interdependentes. Para o autor, tanto o ambiente sociocultural pode aguçar nossa experiência como imagem artística, como as próprias formas e estilos visuais também podem apurar a percepção que temos da sociedade.

Vemos que a imagem apresenta a potencialidade de várias interpretações. Dessa forma o historiador pode tecer/construir uma interpretação histórica, com problemáticas que vão além de suas interpretações pessoais e sua visão de mundo. Assim, o olhar do historiador, com base na imagem ou partindo dela, pode elaborar uma interpretação social mais ampla.

Nesse sentido, podemos elencados alguns níveis/âmbitos de interpretação³⁰ da imagen, que procuraremos, dentro das possibilidades, utilizarmos a seguir:

- a) *Âmbito Formal* - formativo: a plástica, a composição da imagem, cor, contrastes, diagramação, espaço profundo, volumes, enquadramentos, ângulo, sobreposição de planos, a mimese, deformações, o tratamento, contornos, formas, texturas, entre outros;
- b) *Âmbito Temático* - assunto: a cena que se vê, personagens, objetos e ambientes, a narrativa, temporalidade da imagem, a encenação, o caráter performático da cena, a impressão de naturalidade e espontaneidade, o posado e o aspecto de artificialidade;
- c) *Âmbito Expressivo* - o efeito emocional e subjetivo do observador, qualidades emotivas (como: trágico, dramático, gracioso, lírico, sóbrio, cômico), a utilização da imagem visando fazer apelo a determinada ideologia.

Concordando com Freitas, cabe salientar que no trabalho com a imagem, cada historiador pode privilegiar a dimensão que mais se adapte ao seu problema de pesquisa. Já relacionando ao aspecto político, podemos salientar que as imagens que formamos em nosso consciente, e talvez mais ainda em nosso inconsciente, são transmitidas recorrentemente. Na política essa questão se fortalece ainda mais, pois,

³⁰ Destacamos que os níveis/âmbitos de interpretação elencados são inspirados em discussões tecidas por Rosane Kaminski. Em seu artigo Freitas também propõe um conjunto de princípios metodológicos básicos ao uso historiográfico da imagem artística como documento, com ênfase no axioma de que as fontes visuais, sobretudo as de arte, têm três grandes dimensões históricas de análise: a formal, a semântica e a social. Freitas destaca que se deve privilegiar a interação entre as dimensões da imagem, escapando das opções deterministas e das vertentes ontológicas do formalismo. FREITAS, Artur. Op., cit.

além de transmitir uma ideologia de grupo/partidária, há a intenção de convencer o receptor, seja através da escrita ou das imagens.

Percebemos que não somente o Integralismo, mas outros partidos e grupos políticos em âmbito nacional e internacional (seja para atacar, defender, persuadir ou convencer) utilizaram-se da imagem como artifício de propaganda ideológica. Na atualidade, não temos apenas os panfletos, os “santinhos”, nem somente a propaganda política da televisão, a qual é uma das representações discursivas mais fortes atualmente no cenário político, mas há também o uso de revistas, jornais, sites criados estrategicamente para divulgar ou combater dada ideologia.

O Integralismo ao longo de sua história teve manifestações diversas nesse aspecto como a *Revista Anauê!* (publicada de 1935 a 1937, somando 21 edições); o *Jornal Acção* (publicado de 1936 a 1939), *Jornal A Marcha* (publicado de 1953 a 1965); entre diversos outros. Com a “Era da Tecnologia” diversos acervos de revistas e jornais foram beneficiados, uma vez que alguns arquivos foram digitalizados, permitindo um maior acesso a eles. Um exemplo é o site do Arquivo Público de São Paulo, que reserva um espaço para a Memória da Imprensa,³¹ como já foi mencionado, com a digitalização de vários jornais e revistas, que datam de 1920 a 1970. Nesse arquivo podemos encontrar algumas de nossas fontes. Uma das imagens analisadas a baixo foi retirada da *Revista Anauê!* que o site possui, e outra do *Jornal Acção*, digitalizado como vários outros jornais da década de 1930.

Destacamos que apresentaremos em outra oportunidade, maior ênfase no trabalho com as imagens, salientando que não pretendemos/poderemos abarcar todo o aparato envolvendo imagens e o Integralismo no presente texto.

CONSIDERAÇÕES:

Percebemos que o discurso sempre existiu, e atualmente diversos são os estudos que utilizam desse aparato metodológico para seus trabalhos ou pesquisas. Se pararmos para analisar que o discurso sempre esteve presente em todas as civilizações, sejam elas antigas ou contemporâneas, percebemos que amplas são as fontes para o analista, sendo elas figurativas ou verbais.

³¹ Disponível em <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria/index.php>>. Acesso em 23 de julho de 2010.

A política é um campo profícuo para a Análise do Discurso,³² desta forma, o cenário político brasileiro e mais especificamente, a década de 1930, foi palco de produções discursivas interessantes e decisivas para o futuro do país, aspecto esse que vinha sendo planejado pelas elites, por Getúlio Vargas, por opositores e simpatizantes de seu governo, pelos próprios integralistas.

Vários foram os discursos exaltados de Plínio Salgado (e não só em cima do palanque), várias foram as obras publicadas e imagens criadas em prol do Integralismo, ou com a missão de desprezar-lo. O movimento convenceu milhares de pessoas, entretanto, foi barrado em 1937, após o Golpe de Estado, o que fez com que perdesse força. Fato esse que resultaria em diversas divergências e tentativas de restaurar a Doutrina do Sigma, prova disto é o surgimento de alguns movimentos que se manifestam atualmente e que utilizam da internet para divulgar suas propostas com base no Integralismo de Plínio Salgado.

As imagens produzidas na época do auge do movimento, bem como as recentes, divulgadas nos *sites* (sendo alguns deles aqui citados) nos mostram que o discurso presente no âmbito subjetivo, em suas “entrelinhas”, em seus símbolos e cores representam importantes aspectos da ideologia integralista e, que através delas é possível fazer uma reconstituição do contexto da época, de como as imagens ressaltam a doutrina integralista e quais suas motivações implícitas, onde o Integralismo é simbolizado como o salvador, a figura do herói que defende (ou morre defendendo) o Brasil. Através de nossos exercícios ao analisarmos imagens, percebemos que a foto, o desenho, a charge, e principalmente a caricatura, possuem múltiplos aspectos de investigação e sentidos, evidenciando-se como um profícuo campo de pesquisas.

Como já destacou Aumont, a “imagem só existe para ser vista”, sendo o processo imagético uma relação orgânica que se constrói historicamente. A analogia, o espaço representado, o tempo representado e a significação da imagem são importantes elementos analisados na estrutura da imagem, entre outros aspectos relevantes.

Este trabalho teve como objetivo mostrar que a imagem ocupa um espaço que deve ser explorado pelos analistas, o aspecto formativo, plástico, cores, o aspecto

³² Exemplos de trabalhos inovadores na área da Nova História Política, aparecem a partir de historiadores como Raoul Girardet, Christophe Charle, Antoine Prost. O renascimento da história política, portanto, é evidente e perceptível no campo conceitual-teórico. O conceito de representação, categoria central da História Cultural, é incorporado pelos historiadores do político, principalmente nos estudos que se centram em torno do imaginário do poder, seus atores, discursos e simbologias.

temático, a narrativa, o expressivo e o emocional, questões que apresentam um discurso repleto de sentidos, evidenciando aspectos simbólicos, ideológicos... Pois a interpretação da imagem como um todo e sua compreensão, vai depender da forma como o analista avalia as múltiplas faces da imagem, os receptores da época, o contexto, os sentidos.

Novas possibilidades de trabalhos podem ser baseadas em imagens difundidas em meios como a internet. Constatamos que a imagem apresenta a potencialidade de múltiplas interpretações. Sendo que o historiador pode reconstruir uma interpretação histórica, com problemáticas que vão além de suas interpretações pessoais e sua visão de mundo. Assim, o olhar do historiador, com base na imagem ou partindo dela, pode elaborar uma interpretação social mais ampla.

REFERÊNCIAS:

- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 14 ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. A geração Atual. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, 2010.
- _____. **Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – A construção de Memórias Integralistas**. Rio de Janeiro: UFF, 2007.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSC, 1999. (Coleção História).
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- FREITAS, Artur. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. n. 34, jul/dez, 2004.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Tradução: Marina Appenzeller. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. In: **História, Arte & Imagem**. v. 8, n.12. Uberlândia: ArtCultura, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

MANIFESTO de Outubro de 1932. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br/>>; Acesso em julho de 2010.

MAZIERE, Francine. **A Análise do Discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MEMÓRIA da Imprensa. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria/index.php>>. Acesso em 23 de julho de 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. **Chapéus de palha, panamás, plumas e cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas: as imagens, testemunhas da história. In: **Estudos Históricos**. Tradução: Anne-Marie Milon Oliveira. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

TRINDADE. Hégio. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **HGCB**. Vol. III, Difel, 1983

VARGAS, Getúlio. **Diário** / Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto; edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.